

OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DO CONECTIVO *MAS* EM GRAMÁTICAS ESCOLARES

Abstract

This article develops the research about six Portuguese Traditional Grammars, adopted by elementary and high schools, which try to introduce the linking word *mas*. In Argumentative Semantics this connector has two functions: to rectify a previous sentence and to indicate argumentation. According to Ducrot (1988), when *mas* indicates argumentation, it also activates polyphony. During the research, the description of this connector was analyzed in each grammar, in the chapters related to conjunctions or coordinated clauses. The proposed exercises were also investigated. The analysis points out that the investigated grammars present a restricted description of the linking word, considering it as an opposition mark. They do not consider language in use and, consequently, the function of this word in discourse. The same limited perspective was found in the proposed activities, which explore, mainly, the typology and the classification of the connectors.

Key words: Argumentation. Teaching. Grammar.

O ensino das conjunções nas aulas de língua portuguesa, baseado nos materiais didáticos e propostas de ensino tradicionais, segue um padrão classificatório e puramente formal, na maioria das escolas de Ensino Fundamental e Médio do nosso país. Quando muito, as gramáticas assinalam a função conectiva desses vocábulos como palavra invariável que une duas orações ou termos semelhantes de uma oração.

A contextualização desses elementos conectivos da língua não ocorre. Os alunos se limitam a decorar listas de conjunções, a fim de identificá-las ou classificá-las quando surgem em frases ou textos. Esse fato tem sido constatado durante nossa prática docente nas escolas das redes públicas e privadas por onde temos passado.

Cientes de que as conjunções possuem outras funções além de meros elementos de ligação, nos dispomos a realizar uma análise da apresentação do conectivo *mas* em 6 gramáticas escolares adotadas em instituições de ensino Fundamental e Médio, escritas por diferentes autores e disponibilizadas para o mercado por três diferentes editoras.

O objetivo desse estudo é verificar como essas gramáticas tratam esse conector, se apenas como simples elemento de ligação entre termos ou orações, ou estabelecem outras funções e usos, tais como operador argumentativo.

A análise das gramáticas tem como base o estudo dos operadores argumentativos realizado por Oswald Ducrot (1987), na Semântica Argumentativa, e outros autores como Ingedore Koch (2002) e Eduardo Guimarães (1987).

A Teoria da Argumentação de Ducrot rejeita a concepção de língua como conjunto de

estruturas e regras independentes de toda enunciação e contexto, negando a idéia de que a língua tem primeiramente uma função referencial e que o sentido do enunciado se julgue em termos de verdade ou falsidade:

Yendo más allá en el mismo sentido, se podría sostener que las relaciones intersubjetivas no están sólo al lado, sino también en el fondo, en la base de los datos aparentemente subjetivos (DUCROT, 1994, p. 195).¹

Os conectores e operadores argumentativos são considerados elementos lingüísticos que determinam e introduzem a argumentação da estrutura semântica da frase, definindo, inclusive, a classe de conclusões de um enunciado: "os operadores seriam elementos que, se introduzidos nos enunciados, modificariam a classe das conclusões" (ESPÍNDOLA, 1988, p. 33).

1. A CONJUNÇÃO *MAS* COMO OPERADOR ARGUMENTATIVO

O conectivo *mas*, para Vogt e Ducrot (1980) é um marcador de oposição que apresenta duas possíveis funções diferentes. A primeira função é a de retificador e a segunda, de operador argumentativo.

Essa dupla função decorre da origem da palavra, pois o *mas* do português deriva, de acordo com os autores, do advérbio *magis* do latim, que ora funcionava como comparativo, assumindo, portanto, função argumentativa, ora assumia função adversativa, como retificador. Vogt e Ducrot (1980) denominaram o *mas* com função

¹ Tradução nossa: Indo mais adiante no mesmo sentido, poderia se assegurar que as relações intersubjetivas não estão somente ao lado, mas também no fundo, na base dos dados aparentemente subjetivos.

retificadora de *masSN*. De acordo com os autores, esse conector vem sempre depois de uma proposição negativa $p = \text{não-}p'$ e introduz uma determinação q que substitui a determinação p' negada em p e atribuída a um interlocutor real ou virtual.

Como exemplo de *masSN*, Guimarães (1987, p. 61) aponta o enunciado *Ela não é nadadora, mas atleta*. Nesse exemplo, o segmento *mas atleta* se opõe ao segmento anterior *Ela não é nadadora*.

Aqui interessa indicar que o *masSN* aparece sempre depois de um enunciado negativo, com uma função de correção de algo suposta ou realmente dito antes (GUIMARÃES, 1987, p. 6, grifo do autor).

Ainda de acordo com Guimarães, não é possível inverter esses segmentos, por ele denominados de orações, pois não é possível *Mas atleta, ela não é nadadora*. A negação recai somente sobre a primeira parte do enunciado e a interrogação incide sobre todo ele. O encadeamento também recai sobre o enunciado como um todo. Ele utiliza como exemplo o encadeamento *creio que: Creio que ela não é nadadora, mas atleta*.

Para Vogt e Ducrot (1980), o conectivo *masPA*, de função argumentativa, não exige necessariamente que a proposição anterior p seja negativa. Para esses lingüistas, sua função é introduzir uma proposição q que orienta para uma conclusão *não-r* oposta a uma conclusão r para a qual p poderia conduzir. Trata-se, portanto de um indicador de polifonia.

Ducrot (1988) descrevendo a frase *X mas Y*, com o *masPA*, utiliza a noção de polifonia. Assim agindo, o teórico demonstra não só como esse conector funciona argumentativamente no discurso, mas também as diferentes posições que o locutor pode assumir diante de diferentes enunciadores. Ele utiliza o exemplo *Creio que vamos a tener éxito, pero nada hay seguro en la vida* (*Creio que vamos ter êxito, mas nada é seguro na vida*).

No exemplo acima, Ducrot identifica quatro enunciadores: E1 *Creio que vamos a tener*

éxito que crê no êxito e que é aprovado por L, mas com o qual ele não se identifica; E2 que aponta, a partir do êxito, para um otimismo absoluto (esse enunciador é a conclusão r que é rechaçada por L); E3 *pero nada hay seguro en la vida* que é o ponto de vista que apresenta a falta de certeza frente às coisas da vida (esse enunciador faz oposição a E1 e é apresentado por L que se identifica com ele) e o E4 que, a partir da falta de certeza, conclui que o otimismo não deve ser absoluto. Esse último enunciador é a conclusão *não-r*, que é também um ponto de vista com o qual o locutor se assimila, ou seja, se identifica. Logo, L aprova E1 rechaça E2 e se assimila com E3 e E4. A partir do exemplo acima, Ducrot mostra como deve ser descrita, semanticamente, a frase *X masPA Y*, afirmando que há de se construir quatro enunciadores.

La significación de esta frase (*X mas Y*) va a estar constituida por el conjunto de consignas que la frase da a quien interpreta sus enunciados. La primera consigna es la siguiente: construya cuatro enunciadores. El enunciador E1 contiene el punto de vista X, el enunciador E2 saca una conclusión r a partir de X, conclusión que hay que descubrir (cuando queremos interpretar el enunciado hay que inventar esa r). El enunciador E3 sostiene el punto de vista de Y y, a partir de Y, el enunciador E4 concluye no r (DUCROT, 1988 p. 71).²

Ducrot (1988) ainda afirma que além de construir os quatro enunciadores, o interpretante terá de encontrar as posições do locutor em relação aos quatro enunciadores.

[...] L rechaza siempre a E2 y se identifica con E4, es decir que el locutor siempre concluye no r . En cuanto a E1 e E3 todo lo que podemos decir es que L no los rechaza, en unos casos puede aprobarlos, en otros puede identificarse con ellos. El enunciado dice por lo tanto: imagine cuáles son las posiciones del locutor e imponga algunos limites a esta imaginación (DUCROT, 1988, p. 71).³

² Tradução nossa: A significação desta frase (*X mas Y*) vai estar constituída por um conjunto de instruções que a frase dá a quem interpreta seus enunciados. A primeira instrução é a seguinte: construa quatro enunciadores. O enunciador E1 contém o ponto de vista X, o enunciador E2 retira uma conclusão r a partir de X, conclusão que tem que se descobrir (quando queremos interpretar o enunciado temos que inventar esse r). O enunciador E3 assegura o ponto de vista de Y e, a partir de Y, o enunciador E4 conclui não r .

³ L rechaça sempre E2 e se identifica com E4, ou seja, o locutor sempre conclui não r . Com relação a E1 e E3, tudo o que podemos dizer é que L não os rechaça, alguns casos pode aprová-los, em outros pode identificar-se com eles. O enunciado diz portanto: imagine quais são as posições do locutor e imponha alguns limites a esta imaginação.

Guimarães (1987) conclui a respeito dessa polifonia de enunciadores na frase *X mas Y* que o jogo de representações do sujeito da enunciação, o locutor para Ducrot, tem aqui seu valor argumentativo próprio que se cruza com a orientação argumentativa.

Como exemplo do *masPA*, Guimarães (1987, p. 61) toma como exemplo o enunciado *Paulo era o mais adequado para o cargo mas foi o escolhido*. Nesse caso, também não é possível a inversão dos segmentos, a negação também recai sobre a primeira parte do enunciado, mas a interrogação não incide sobre a frase como um todo.

[...]é uma frase sem sentido se considerarmos a interrogação incidindo sobre a frase como um todo. De um certo modo, parece, inclusive, difícil encontrar uma situação em que **Paulo era o mais adequado para o cargo, mas não foi o escolhido?** Tenha sentido, mesmo considerando a pergunta como incidindo só sobre uma das orações (GUIMARÃES, 1987, p. 61, grifo do autor).

O encadeamento com a expressão *creio* que se realiza somente com o primeiro segmento *Creio que Paulo era o mais adequado para o cargo*, que por sua vez se encadeia com *mas não foi o escolhido*. Logo, cada um dos segmentos é tomado separadamente no encadeamento.

A diferença básica, portanto, que vai distinguir o *masSN* do *masPA* é que este funciona argumentativamente no discurso, como indicador de polifonia. No primeiro, isso não ocorre, uma vez que se trata de retificador. Ambos marcam oposição, no entanto, com funções diferenciadas.

Além disso, Vogt e Ducrot (1980) assinalam que o *masSN* assinala uma negação forte do primeiro segmento (o segmento *X* em *X masSN Y*), uma vez que *X* é objeto de um ato de refutação do qual *Y* é instrumento e o *masPA* assinala uma negação fraca de *X* já que a eficácia argumentativa é retirada de *X*. Em consequência disso, ocorre uma manutenção forte de *X* no *masPA*, e uma manutenção fraca de *X* em *masSN*.

2. AS CONJUNÇÕES NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES

As conjunções são apresentadas, nas seis gramáticas analisadas, como uma classe de palavra invariável cuja função principal é a de *ligar orações ou termos de uma oração de*

mesma função sintática. Uma das gramáticas estudadas apresenta a seguinte conceituação:

Conjunção é a palavra invariável que une termos de uma oração ou une orações. No desempenho desse papel, a conjunção pode relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes – as chamadas orações **coordenadas**. Pode também relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática – respectivamente, uma oração **principal** e uma oração **subordinada** (INFANTE, 2003; p. 397, grifo do autor).

De maneira geral é essa a noção que aparece nas gramáticas. A conjunção é vista como simples elemento conectivo. Na forma, destaca-se o fato de ser um elemento invariável e, semanticamente, nada ou quase nada se diz a seu respeito. Ernani Terra (2002, p. 211) afirma que as conjunções não desempenham nenhuma função sintática na oração, evidenciando que, por isso, tratam-se apenas de elementos conectivos.

De Nicola e Infante apresentam uma definição de conectivo, utilizando a etimologia latina:

Conectivo, do latim connectere, ‘ligar’, significa ‘que une’, ‘que liga’. Da mesma família temos as palavras **conexão** (ligação), **conector** (elemento usado para estabelecer uma ligação), entre outras.

Na Gramática, chama-se de **conectivo** a palavra usada para ligar termos ou orações. É o caso da **conjunção** (DE NICOLA; INFANTE, 1997 p. 322, o grifo é dos autores).

Ulisses Infante chama a atenção para o fato de as conjunções serem um elemento de coesão textual, no entanto, coloca esta informação em um quadro à parte, sem citar exemplos claros de seu funcionamento em um texto.

O bom relacionamento entre as orações de um texto garante a perfeita estruturação de suas frases e parágrafos, bem como a compreensão eficaz de seu conteúdo. Interagindo com palavras de outras classes gramaticais essenciais ao inter-relacionamento das partes de frases e textos

– como os pronomes, preposições, alguns advérbios e numerais –, as conjunções fazem parte daquilo a que se pode chamar de “a arquitetura textual”, isto é, um conjunto de relações que garante a coesão do enunciado. O sucesso desse conjunto de relações depende muitas vezes do conhecimento do valor relacional das conjunções (INFANTE, 2001, p. 399).

O autor não explica o que seja essa coesão do enunciado, tampouco como ela ocorre. Na verdade, o que faz é atrelar a função coesiva textual à classificação apresentada pelas gramáticas para as conjunções.

A respeito dessa classificação, as conjunções são apresentadas em dois grandes grupos: coordenativas – as que ligam orações coordenadas, ou seja, sintaticamente independentes – e as subordinativas – que ligam as orações subordinadas à principal – sintaticamente dependentes.

O nosso objetivo aqui não é nos deter sobre essas definições, porque a nossa preocupação recai sobre o conectivo *mas*, no entanto, não poderíamos deixar de assinalar como as conjunções são vistas pelos gramáticos, uma vez que o *mas* é classificado como tal.

A função argumentativa das conjunções só é apontada em uma das gramáticas analisadas, a de Ulisses Infante, no entanto pouco se diz a esse respeito:

Nos textos dissertativos, evidenciam muitas vezes a linha expositiva ou argumentativa adotada – é o caso, por exemplo, das exposições e argumentações construídas por meio de contrastes e oposições, que conduzem ao uso das adversativas e concessivas (INFANTE, 2001, p. 399).

O autor não apresenta nenhum exemplo em textos ou enunciados em que essa função argumentativa ou expositiva apareça. E, conforme se vê acima, atribui essa função apenas aos textos considerados dissertativos. O autor tampouco esclarece o que seriam esses textos argumentativos, pelo menos no capítulo sobre as conjunções.

3. A CONJUNÇÃO *MAS* NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES

A palavra *mas* é classificada como uma conjunção adversativa dentro do grupo chamado

de conjunções coordenativas, cuja função é unir orações sintaticamente independentes – orações coordenadas.

As gramáticas escolares definem a conjunção *mas* como indicadora de oposição, contraste ou, ainda, ressalva. Essa definição é atribuída não somente à conjunção *mas*, mas também a todas as outras denominadas de adversativas: **porém, no entanto, entretanto** etc.

De acordo com as gramáticas escolares, a principal e, com raríssimas exceções, apontadas a seguir, função atribuída ao conectivo *mas* é a de iniciar as orações coordenadas sindéticas adversativas. Essas são classificadas como aquelas que indicam uma idéia contrária ou oposta à de outra oração.

Faraco e Moura (1999, p. 419) apontam outras funções para a conjunção *mas*, acentuando que esta assume valores difíceis de classificar:

A conjunção *mas* pode assumir valores diversos, alguns difíceis de classificar. Por exemplo:

a) Para indicar surpresa agradável ou desagradável:

Mas que belo trabalho você fez!

Mas que servicinho malfeito!

b) Colocada na frente do período, pode ter valor negativo, de forte oposição:

A filha respondendo a uma ordem da mãe:

Mas não vou fazer mesmo... (grifo dos autores)

Esses dois autores (FARACO; MOURA, 1999, p. 419) ainda dizem na sua gramática escolar que a conjunção *mas* aparece obrigatoriamente no início da oração adversativa, ao contrário do que ocorre com as demais conjunções adversativas, que podem aparecer no início, no meio ou no final. Como exemplo, citam:

Chamou-o, mas ele apertou o passinho (Fernando Sabino).

Não demonstrava pressa, porém o seu rosto denunciava segurança (Murilo Rubião).

Não demonstrava pressa, o seu rosto, porém, denunciava segurança.

No entanto nenhuma referência é feita a possíveis mudanças de sentidos geradas por essa troca de posição das conjunções adversativas.

Nenhuma das gramáticas se refere,

explicitamente, ao conectivo *mas* como operador argumentativo. Um dos autores (INFANTE, 2001, p. 527) aponta que as orações adversativas são utilizadas como estratégia argumentativa em textos dissertativos.

As adversativas, por exemplo, permitem a quem está redigindo ou falando a contraposição imediata de argumentos opostos. Isso significa que, por meio dessas orações, podem-se considerar as posições contrárias, estrategicamente colocadas em posição de menor destaque. Observe:

É inegável que o país vem atravessando um período difícil, mas é igualmente inegável que isso não justifica o abandono das áreas de saúde e educação (grifo do autor).

Alguns gramáticos chamam a atenção para o fato de o conectivo *mas* poder aparecer realizado na oração através de outros conectivos, principalmente o *e*.

O que se percebe até aqui é que o conectivo *mas* é apresentado, genericamente, como um elemento marcador de oposição. Não se faz nenhuma referência à possibilidade desse conector funcionar como um retificador, tampouco se mostra ou se fala no funcionamento de *mas* como operador argumentativo. Isso se repete também nas atividades propostas para os alunos, conforme se vê abaixo.

Nas atividades – Os exercícios propostos pelas gramáticas seguem os mesmos padrões da conceituação e do uso: classificatório e conectivo, com algumas exceções.

a) Indicador de oposição – esse tipo de atividade explora a relação de oposição estabelecida pelo conectivo *mas* entre uma oração e outra (um segmento e outro, para Ducrot).

Nos exercícios de 7 a 13, ocorrem duas frases isoladas. Sua tarefa consistirá em ligá-las por uma conjunção, a fim de obter a relação indicada entre parênteses.

7 – Ele era artilheiro do time. Ele não marcou nenhum gol no campeonato (oposição) (TERRA, 2002, p. 215, grifo do autor).

Esse tipo de atividade não contextualiza o uso da conjunção, tampouco explora o uso efetivo. O único objetivo é fazer com que o aluno introduza entre as orações, utilizando a dica do parêntese. Sequer permite que o aluno deduza o tipo de relação existente e crie novas possibili-

dades de relações, com as respectivas variações de sentido. Quase todas as gramáticas apresentam questões semelhantes a essas.

b) Classificatória – esse tipo de exercício tem como objetivo a identificação e classificação do conectivo *mas* ou da oração que inicia por este.

1. Identifique as conjunções coordenativas nas frases que seguem e classifique-as:

- a) [...]
- b) Bomba de efeito moral assusta mas não fere. (Superinteressante)
- c) [...] (FARACO; MOURA, 1999, p. 414)

Esse tipo de atividade tem caráter meramente decorativo. Cabe ao aluno decorar a conjunção e a sua classificação, para identificá-la na frase. O objetivo principal da questão é a fixação da tipologia da conjunção. Novamente não há contextualização ou destaque para o uso efetivo do conectivo. Embora a frase tenha sido retirada de um texto autêntico, não se exploram os efeitos de sentido dessa conjunção na língua em uso. Esse tipo de atividade também se repete em todas as gramáticas.

c) Realizado através do conectivo *e* – o objetivo dessas atividades é a identificação do conectivo *e* com valor de *mas*.

4. Considere o período:

“Márcia ama Carlos e vai se casar com Roberto”

O *e* tem, nesse período, sentido de:

- a) adição.
 - b) explicação.
 - c) conclusão.
 - d) oposição.
- (FERREIRA, 1992, p. 296)

Esse tipo de atividade nos pareceu interessante porque questiona a classificação das conjunções em uma tipologia fechada, uma vez que considera que a classificação depende do uso efetivo do conectivo na frase. Esse tipo de atividade aparece em quase todas as gramáticas e o objetivo das questões é tão somente classificar a conjunção *e* como adversativa ou indicar o seu sentido de oposição, com valor de *mas*.

d) Indicação de sentido – essa atividade aponta para o fato do conectivo *mas* poder assumir outros sentidos, diferentes de indicador de oposição. Trata-se de uma atividade que pede para o aluno construir diálogos em que o conectivo indique surpresa ou negação com oposição.

2. Escreva um diálogo entre mãe e filho em que apareçam os dois valores do *mas* anteriormente mencionados: surpresa e negação com oposição (FRACO; MOURA, 1999, p. 420, grifo dos autores).

Apenas uma única gramática apresenta esse tipo de atividade, aliás a atividade acima é a única que aparece levantando esse uso do *mas*. No entanto, não se deixa claro que tipo de “negação com oposição” é essa.

e) Operador argumentativo – apenas um autor apresenta uma única questão em que o conectivo *mas* aparece como operador argumentativo.

Suponha duas pessoas, A e B, dando suas respectivas opiniões a respeito de uma terceira, chamada Paulo:

Pessoa A: “Paulo é bonito, mas é mentiroso.”

Pessoa B: “Paulo é mentiroso, mas é bonito.”

Pergunta-se: qual característica presente nesse contexto cada uma das duas pessoas julga ser mais importante no ser humano? (FERREIRA, 1992 p. 296).

Nessa atividade, o conectivo *mas* é trabalhado em uma perspectiva contextualizada, explorando-se os efeitos de sentidos e as conclusões possíveis a partir do seu uso. Aqui se encontra o *masPA*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode concluir, a partir da análise feita das gramáticas escolares, é que elas seguem

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Versión española de Julia Sevilla e Marta Tordesillas. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

Ducrot, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Polifonia y argumentación*: Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

ESPINDOLA, Luciene. A Polifonia na Organização Textual. In: *Letr@Viva*, UFPB, vol. 1, nº 1, 1999.

_____. “Né”, (eu) “acho” (que) e “ái”: operadores argumentativos do texto falado (Tese de Doutorado). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*: Um estudo de conjunções do Português. Campinas: Pontes, 1987.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

um padrão meramente classificatório do conectivo *mas*, considerando-o, de maneira genérica, como indicador de oposição.

As gramáticas não apresentam o *mas* como retificador, tampouco o funcionamento desse conectivo de maneira argumentativa. O *masPA* é desconsiderado e, quando aparece, não assume posição de destaque. Na verdade, ele só teve uma ocorrência em uma única atividade, nas seis gramáticas analisadas. Isso leva a deduzir que as gramáticas escolares não dão importância ao uso efetivo do conectivo em situações reais de comunicação. Não se mostram as possibilidades e efeitos de sentido que esse conector pode gerar no discurso, desconsiderando o aspecto semântico da linguagem.

As implicações dessa classificação genérica do *mas* como marcador de oposição, iniciando orações adversativas, para o ensino de língua portuguesa nas escolas são consideráveis. Primeiro, porque o conector passa a ser visto numa perspectiva global, sem levar em conta a realização da língua. Depois, limita a aprendizagem do conectivo à mera fixação e classificação, uma perspectiva adotada por todas as gramáticas.

Os alunos não são convidados a pensar sobre o uso desse conectivo e quando o são, é apenas de uma maneira ilustrativa. Tampouco são levados a utilizá-lo de maneira efetiva. Quando se pede para utilizar o conectivo *mas*, é de acordo com uma classificação ou sentido determinado entre parêntese, limitando o uso dos conectivos a padrões classificatórios previamente estabelecidos.

Recomendamos aos professores de língua portuguesa, entre os quais nos incluímos, que busquem outras atividades que levem em conta o uso contextualizado das conjunções, ou adaptem as atividades das gramáticas, uma vez que estas nos parecem bastante limitadas no que diz respeito ao uso efetivo dos conectivos.

_____. *A interação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

VOGT, C.; DUCROT, O. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: HUCITEC, 1980.

Gramáticas pedagógicas analisadas:

FARACO; MOURA. *Gramática*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. 2º grau. São Paulo: FTD, 1992.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

SACONNI, Luiz Antônio. *Nossa gramática: Teoria e Prática*. São Paulo: Atual, 1994.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.